

CONSTRUÇÕES ERGATIVAS E MÉDIAS: UMA DISTINÇÃO EM TERMOS ASPECTUAIS E SEMÂNTICOS¹

CRISTIANY FERNANDES DA SILVA*

ROZANA REIGOTA NAVES**

RESUMO

Analizamos as alternâncias ergativa e média em duas classes de verbos – *abrir* e *pintar*. Ambas admitem sentença transitiva com argumentos Agente/Causa e Tema. Todavia, enquanto a classe de *abrir* admite tanto alternância ergativa como média, a classe de *pintar* permite apenas alternância média, sendo agramaticais as sentenças ergativas. Discutimos as propriedades de ergativas e médias, reduzindo-as a duas – uma aspectual (evento ou estado) e uma semântica (Modo/Instrumento) –, e propusemos que essa diferença é captada, em termos estruturais, pela projeção de um núcleo Asp (além de T) em sentenças ergativas, e pela projeção apenas do núcleo T em construções médias.

PALAVRAS-CHAVE: construção ergativa, construção média, aspecto lexical, papéis temáticos, Gramática Gerativa.

INTRODUÇÃO

O fenômeno das alternâncias sintáticas é bastante produtivo e muitos são os trabalhos que abordam esse tema (cf. WHITAKER-FRANCHI, 1984; ELISEU, 1984; LEVIN, 1993; NAVES, 1998; SOUZA, 1999; CIRÍACO, 2007). Examinamos, neste artigo, a alternância ergativa e a alternância média, focalizando duas classes de verbos: os do tipo de *abrir* e os do tipo de *pintar*, que possuem comportamentos distintos quanto às suas configurações sintáticas.² O objetivo é analisar as estruturas conceituais lexicais desses grupos de verbos e as suas possibilidades de alternância, e propor um conjunto menor de propriedades que sejam capazes de

* Doutoranda em Linguística na UnB.

Email: cristianyueb@yahoo.com.br

** Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (2005). Atua no ensino superior desde 1997, inicialmente como professora da Universidade Católica de Brasília (UCB). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade de Brasília (UnB) e consultora ad hoc da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF).

Email: naves@unb.br

explicar a formação de sentenças ergativas e de médias. Esse objetivo decorre da interpretação de que caracterizar construções ergativas e médias a partir de um grande número de propriedades torna, teoricamente, a questão mais dispendiosa do ponto de vista dos pressupostos teóricos que adotamos neste trabalho, os quais estão pautados na Gramática Gerativa, precisamente, nos desenvolvimentos mais recentes do modelo de Princípios e Parâmetros, a saber, no Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 e seguintes).

Ambas as classes de verbos aqui discutidas selecionam um argumento Agente/Causa e um argumento Tema, mapeados, respectivamente, como sujeito e objeto de uma construção transitiva, com interpretação causativa, como está exemplificado em (1a) e (2a). Do ponto de vista da alternância sintática, essas duas classes de verbos expressam um comportamento distinto: *abrir* alterna nas formas ergativa e média (cf. (1b) e (1c)), enquanto *pintar* alterna somente na forma média (cf. (2c), em oposição à agramaticalidade de (2b), uma sentença ergativa).³

- (1) a. João abriu a porta.
b. A porta abriu.⁴
c. Essa porta abre facilmente.
- (2) a. João pintou a janela.
b. *A janela pintou.
c. Essa janela pinta rapidamente.^{5,6}

Diante desses fatos empíricos, levantamos a seguinte questão: o que permite que os verbos da classe de *abrir* participem das alternâncias ergativa e média, enquanto os verbos da classe de *pintar* admitem apenas a alternância média?

Conforme a literatura, construções ergativas apresentam as seguintes características (cf. WHITAKER-FRANCHI, 1984; SOUZA, 1999; CIRÍACO, 2007): (i) interpretação de evento; (ii) descrição de tempo pontual; (iii) argumento interno afetado; (iv) causa potencialmente externa. Por outro lado, construções médias possuem as seguintes características (cf. RODRIGUES, 1997; CAMBRUSSI, 2007): (i) interpretação estativa; (ii) tempo não pontual; (iii) interpretação de uma propriedade genérica associa-

da ao argumento na posição de sujeito; (iv) interpretação de um Agente implícito; (v) presença, em geral, de um modificador.

Ao longo deste artigo, discutimos essas características a fim de restringi-las a apenas duas propriedades, uma de natureza aspectual e outra de natureza semântica, a saber:

- (i) Propriedade Aspectual – Eventos vs. Estados: sentenças ergativas expressam eventos e sentenças médias expressam estados. Propomos que essa distinção explica certas propriedades atribuídas às sentenças médias – atemporalidade, interpretação genérica e presença de modificadores – em oposição às sentenças ergativas, que têm tempo marcado, possuem uma interpretação episódica, indicando um acontecimento, e não pressupõem a presença de modificadores.
- (ii) Propriedade Semântica – Modo/Instrumento: os verbos do tipo de *pintar* possuem em sua estrutura conceitual lexical a informação de Modo/Instrumento, contrariamente aos verbos do tipo de *abrir* (cf. SALLES & NAVES, 2009). A interpretação de Agente Implícito, típica das sentenças médias, é decorrente, segundo nossa análise, da propriedade de Modo/Instrumento.

A razão pela qual distinguimos, neste trabalho, propriedades aspectuais de semânticas é apenas descritiva. Propriedades aspectuais são também semânticas, mas nem toda propriedade semântica é de natureza aspectual.

O artigo tem a seguinte estrutura: na seção 1, tratamos da propriedade aspectual, mostrando por meio de testes a oposição entre construções ergativas, que expressam eventos, e construções médias, que denotam estados; a seção 2 trata da alternância verbal com verbos do tipo de *abrir* e *pintar* e aponta evidências para o fato de os primeiros alternarem nas formas ergativa e média e os últimos admitirem apenas a forma média; na seção 3, apresentamos uma proposta de derivação para as sentenças ergativas e para as médias; por fim, incluímos as nossas considerações finais.

A classificação aspectual lexical dos predicados apresenta uma primeira subdivisão entre as sentenças que expressam eventos e aquelas que expressam estados (TENNY & PUSTEJOVSKY, 2000). Os eventos descrevem situações dinâmicas e os estados descrevem situações não-dinâmicas. Conforme a classificação de Vendler (1967), as classes aspectuais se dividem em estados, atividades, processos culminados e culminações e se diferenciam a partir de três traços distintivos: [+/-dinâmico], [+/-télico] e [+/-durativo]. As atividades, os processos culminados e as culminações representam eventos. Nesta seção, argumentamos, por meio de testes sintáticos, que sentenças ergativas são formadas a partir de predicados que expressam eventos (processos culminados ou culminações), enquanto as sentenças médias expressam estados.

Cunha (2005) afirma que as propriedades de (i) a (vii) são características de predicados de estado:

- (i) não permitem o progressivo;
- (ii) não ocorrem no imperativo;
- (iii) não se combinam com elementos adverbiais agentivos, como *voluntariamente* e *deliberadamente*;
- (iv) não admitem construções clivadas;
- (v) não aparecem com verbos aspectuais, como *começar a* ou *acabar de*;
- (vi) são incompatíveis com expressões temporais do tipo *quando*;
- (vii) são incompatíveis com a expressão *frequentemente*.

Utilizamos algumas dessas características como testes para diagnosticar a distinção entre eventos e estados em sentenças ergativas e médias, respectivamente. Dessa maneira, observamos que os verbos médios (cf. (3b)) apresentam as mesmas restrições que os estativos (cf. (3a)) quanto à formação do imperativo. Por contraste, verbos ergativos não apresentam problemas quanto a se expressarem no imperativo, como exemplificado em (3c).⁷

- (1) a. *Seja alto!
- b. *Pinta, parede!
- c. Abra, porta!

Sentenças temporais com *quando* também não ocorrem em construções médias (cf. (4b)), assim como com estados (cf. (4a)), em oposição às construções ergativas (cf. (4c)), em que observamos a gramaticalidade da ocorrência em contexto temporal com *quando*:

- (2) a. *Quando João chegou em casa, ele foi alto.
- b. *Quando o João reforma a casa, essa parede pinta facilmente.
- c. Quando o Titanic iniciou sua viagem inaugural, o navio afundou.

A estativa em (5a) não admite construção clivada, assim como a estrutura média em (5b). Já a sentença ergativa, em (5c), é gramatical:

- (3) a. *O que o João fez foi ser alto.
- b. *O que essa parede fez foi pintar facilmente.
- c. O que a porta fez foi abrir.

As sentenças estativas não co-ocorrem com verbos aspectuais, como em (6a). As sentenças médias seguem o mesmo comportamento (cf. (6b)). Já as sentenças ergativas podem ocorrer nesse tipo de estrutura, como exemplificado em (6c). Na nossa análise, isso se deve ao fato de verbos aspectuais como *acabar* terem caráter télico, o que é compatível com a interpretação eventiva das sentenças ergativas, mas não com a interpretação estativa das sentenças médias.

- (4) a. *João acabou de ser alto.
- b. *Essa parede acabou de pintar facilmente.
- c. Essa porta acabou de abrir.

Sentenças estativas não permitem quantificações com expressões de frequência (cf. (7a)). As sentenças médias também são agramaticais nesse contexto, como em (7b), mas as sentenças ergativas são gramaticais, por exemplo, em (7c):

- (5) a. *João foi *frequentemente* alto.
b. *Essa parede *frequentemente* pinta facilmente.
c. A porta ?abriu / ^{ok}abria *frequentemente*.

Observamos que quantificações desse tipo pressupõem a repetição do evento, uma noção que é incompatível com sentenças estativas e médias, que não expressam acontecimentos, mas não com sentenças ergativas, que são eventivas (a noção de repetição fica clara com a preferência pelo uso do imperfeito sobre o perfeito, no exemplo (7c)).

Com relação aos testes acima, ressaltamos que Cunha (2005) aponta para uma distinção entre sentenças estativas que correspondem a Predicados de Nível de Individual – PNIs (ou estados permanentes), como em *A casa é grande*, e sentenças estativas de Predicados de Nível de Estágio – PNEs (ou estados episódicos/transitórios), por exemplo, em *O copo está vazio*. As primeiras atendem às restrições para sentenças estativas, como demonstramos acima nas sentenças *a* dos dados de (3) a (7), mas as últimas não, comportando-se, antes, como sentenças eventivas, como demonstram os dados do autor para os testes que exemplificamos anteriormente:⁸

- (6) a. João, sê generoso com os teus colegas!
b. Quando eles mais precisaram, o João foi generoso com os seus colegas.
c. (Face à situação desesperada), o que o João fez foi ser generoso com os colegas.
d. (Depois de os conhecer melhor), o João começou a ser generoso com os colegas.

(CUNHA, 1998, p. 9)

Na nossa análise, a diferença de comportamento entre PNIs e PNEs reflete a mesma distinção que identificamos entre sentenças médias e sentenças ergativas, respectivamente. Os primeiros têm propriedades de estado (considerando-se os três traços propostos por Vendler (1967) e, por essa razão, são incompatíveis com construções ou elementos que identifiquem pontos específicos do desenvolvimento do evento, enquanto os últimos têm propriedades de evento e, portanto, são compatíveis com essas construções e elementos.

Outro teste que podemos tomar como argumento para a distinção de construções ergativas e médias quanto à interpretação aspectual diz respeito ao fato de verbos de percepção necessitarem de complemento de leitura eventiva. Como esperado, as sentenças ergativas são gramaticais nesses contextos (cf. (9)). Mas, com as sentenças médias, o resultado é agramatical, como em (10):⁹

- (7) a. Eu vi a porta abrir.
b. Eu vi o barco afundar.
c. Eu vi o copo quebrar.
- (8) a. *Eu vi a parede pintar facilmente.
b. *Eu vi a louça lavar rapidamente.
c. *Eu vi a casa varrer facilmente.

O fato de sentenças médias serem agramaticais nessa estrutura aponta para a estaticidade dessas construções.¹⁰

2 ANÁLISE DA ALTERNÂNCIA: ABRIR *VS.* PINTAR

A alternância da diátese verbal exprime uma mudança na grade argumental do verbo e o significado dos verbos alternantes, ou melhor, os traços semânticos que eles carregam podem ser uma pista para determinar seu comportamento verbal. Essa visão de que propriedades sintáticas particulares estão associadas a certos tipos semânticos de verbos favorece a teoria da existência de uma estrutura conceitual lexical dos predicados.

Segundo Levin & Rappaport-Hovav (2008), o termo “estrutura conceitual lexical” (*Lexical Conceptual Structure* – LCS) surge como referência à representação lexical do significado do verbo. O objetivo é captar que componentes do significado dos verbos determinam certo comportamento gramatical, particularmente, no que diz respeito à forma de realização dos argumentos. Desse modo, a projeção sintática de uma sentença advém de propriedades lexicais. Conforme as autoras, é possível isolar componentes dos significados dos verbos, os quais podem determinar a sua possibilidade de sofrer ou não alternância sintática.

Os trabalhos com esse referencial assumem que os verbos guardam informações quanto aos argumentos externos e internos que projetam. Nesse caso, estamos assumindo que as informações lexicais que os verbos do tipo de *abrir* e de *pintar* carregam influenciam a realização de seus argumentos.

Segundo a nossa análise, a propriedade semântica do Agente implícito conferida às médias decorre do componente Modo/Instrumento que os verbos que formam esse tipo de sentença carregam em sua estrutura conceitual lexical.¹¹ Segundo Salles & Naves (2009), a presença do componente Modo/Instrumento na estrutura conceitual lexical de um verbo o impede de alternar ergativamente. As autoras examinam os verbos do tipo de *abrir* e de *pintar* no que diz respeito à alternância ergativa (dados em (11c) e (12c)) e à instrumental (dados em (11b) e (12b), em que o argumento com papel temático de instrumento ocorre em posição de sujeito):

- (9) a. A Maria abriu a porta com a chave.
b. A chave abriu a porta.
c. A porta abriu (com a chave).¹²

- (10) a. O João pintou a casa com um rolo.
b. *Um rolo pintou a casa.
c. *A casa pintou (com um rolo).

(SALLES & NAVES, 2009, p. 10-11; destaques das autoras)

Para as autoras, em (11a) a noção de instrumento, embora presente na estrutura da sentença, não está implicada na estrutura conceitual lexical do verbo, enquanto em (12a), mesmo que o instrumento seja omitido, pressupõe-se que *João* tenha pintado a casa utilizando algum instrumento, nesse caso, *um rolo*. Ou seja, para o verbo *pintar*, mas não para *abrir*, a interpretação de instrumento é obrigatória, mesmo que ele não esteja expresso na sentença, de onde as autoras concluem que a estrutura conceitual lexical de verbos como *pintar* difere da estrutura conceitual lexical de verbos como *abrir*, no que se refere à informação de instrumento. Na proposta das autoras, essa distinção tem reflexos na configuração sintática em que o instrumento pode ocorrer. Concluem, pelo contraste entre verbos do tipo de *abrir* e do tipo de *pintar*, que a

possibilidade de uma sentença ergativa ocorrer depende da presença ou ausência de traços selecionados pelo verbo para uma função de instrumento.

Segundo a nossa análise, essa função instrumento pode ser captada por meio da formação de nomes pela sufixação em *-or*, o que constitui uma pista para a identificação das propriedades das estruturas conceituais lexicais das classes de verbos em questão.

Na literatura, verbos que alternam ergativamente, quando acrescidos de *-or*, formam nomes de instrumentos. Por outro lado, verbos que não possuem a variante ergativa formam nomes de Agente (ELISEU, 1984; LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 1992). A previsão se confirma para os nossos dados: verbos da classe de *abrir*, quando afixados com *-or*, dão origem a nomes de instrumentos, enquanto verbos da classe de *pintar*, que não admitem a construção ergativa, quando afixados, produzem nomes de Agente. Em (13), temos exemplos de sentenças ergativas com verbos da classe de *abrir* e, em (14), nomes de instrumentos formados a partir desses verbos:¹³

- (11) a. A caixa abriu.
- b. A água congelou.
- c. O carro acelerou.
- d. Os ovos quebraram.
- e. A porta fechou.
- f. O lápis apontou.
- g. A bola furou.
- h. Os jogadores aqueceram.
- i. O vidro desembalçou.
- j. A carne moeu.

- (12) abridor, congelador, acelerador, quebrador (noz, ovos), fechador (de caixa), apontador, furador, aquecedor, desembalçador, moedor.

Já em (15), temos verbos que não alternam ergativamente e em (16), nomes de agentes formados pela derivação desses verbos por meio do sufixo *-or*:

- (13) a. *A parede pintou.
- b. *O texto escreveu.
- c. *A casa varreu.
- d. *A ponte construiu.
- e. *O chocolate comprou.
- f. *O carro guardou.
- g. *A estátua esculpiu.
- h. *As compras empacotaram.
- i. *A louça lavou.
- j. *O texto traduziu.

(14) pintor, escritor, varredor, construtor, comprador, guardador, escultor, empacotador, lavador (de carro), tradutor.¹⁴

A distinção entre as duas classes de verbos quanto à presença ou não da função instrumento na estrutura lexical conceitual tem, na nossa visão, impacto sobre o tipo de formativo em *-or*: quando a estrutura conceitual lexical do verbo não contém a informação sobre Instrumento, o sufixo tem a função de introduzir essa informação, motivo pelo qual as formações em (14) se referem a nomes de instrumento; por outro lado, quando a estrutura conceitual lexical do verbo já traz a informação sobre instrumento, o sufixo *-or* remete ao Agente, caso das formações em (16).¹⁵

Salles & Naves (2009) verificam que verbos denominais derivados de nomes de instrumento, que têm, portanto, em suas propriedades lexicais a noção de Instrumento, não admitem a alternância instrumental e a ergativa, como demonstrado em (17b-c):

- (15) a. O funcionário escovou o terno com a escova de plástico.
- b. *A escova de plástico escovou o terno.
- c. *O terno escovou.

(SALLES & NAVES, 2009, p. 15)

Nessa situação, espera-se mesmo que a alternância ergativa não ocorra, uma vez que os verbos portam um traço semântico de Instrumento em sua estrutura conceitual lexical, devendo-se comportar como *pintar*. De fato, identificamos que os verbos em (18), formados a partir de nomes de instrumento, não admitem alternância ergativa, como se

nota em (19b) e (20b), mas alternam na forma média, como em (19c) e (20c):

(18) garfo/garfar, faca/esfaquear, martelo/martelar, carimbo/carimbar, parafuso/parafusar, pá/palejar, espeto/espetar, pedra/apedrejar, chicote/chicotear, pente/pentear, apito/apitar, pincel/pincelar, marreta/marretar, escova/escovar, cera/encerar, sabão/ensaboar, filtro/filtrar, lixa/lixar, regador/regar, raste-lo/rastelar.

(19) a. João penteou o cabelo.
b. *O cabelo penteou.
c. Meu cabelo penteia facilmente.

(20) a. João apitou o jogo.
b. *O jogo apitou.
c. Esse jogo se apita facilmente.¹⁶

(SALLES & NAVES, 2009, p. 16)

Há um outro grupo de verbos alternantes cujos nomes deverbais podem ser formados tanto pela sufixação *-or* quanto *-nte*, sufixo descrito diacronicamente como formador de nomes de agentes (MARINHO, 2009). Observamos que os nomes deverbais em *-or* são ambíguos entre a interpretação de agente ou de instrumento, enquanto as formações em *-nte* são interpretadas como instrumentos que funcionam como princípios ativos:¹⁷

(21) a. Tente colocar água na panela e vá cozinhando até sentir que a carne *amaciou*.¹⁸
b. Meu cabelo *alisou* de novo e tá lindo agora [...].¹⁹
c. Meu corpo *desintoxicou* e meu sangue limpou.²⁰
d. O café já *adoçou*.
e. Minha pupila *dilatou*.

(22) amaciador/amaciante, alisador/alisante, desintoxicador/desintoxicante, adoçador/adoçante, dilatador/dilatante.

O emprego do sufixo *-nte*, formador de nomes de agente, se justifica, na nossa análise, pelo fato de que princípios ativos atuam como espécies de agentes, desencadeando, eles próprios, os eventos.

Verificamos, ainda, que verbos polissêmicos ora se apresentam como alternantes, ora como não alternantes, como nos casos de *carregar* e *prender*.²¹ A previsão se confirma no sentido de que a formação de nomes de instrumento está associada à possibilidade de alternância verbal (cf. (23) e (25)), enquanto a formação de nomes de agente está associada à impossibilidade de alternância verbal (cf. (24) e (26)):

- (23) a. João carregou o celular.
 - b. O celular carregou.
 - c. Instrumento: *carregador* de celular
- (24) a. João carregou os presentes.
 - b. *Os presentes carregaram.
 - c. Agente: *carregador* de presentes.
- (25) a. Joana prendeu o cabelo.
 - b. Meu cabelo não prendeu.²²
 - c. Instrumento: *prendedor* de cabelo.
- (26) a. A polícia prendeu os bandidos.
 - b. *Os bandidos prenderam.
 - c. Agente: *prendedor* de bandidos

Em (24a) e (26a), *João* e *a polícia* são os agentes do evento. Entretanto, em (23a) e (25a), respectivamente, *João* não transmite carga para o celular (quem faz isso é o carregador), assim como não é *Joana* que prende o cabelo (quem faz isso é o prendedor de cabelo). No caso de (23) e (25), os instrumentos parecem atuar de forma autônoma no desencadeamento do evento, o que dá origem aos formativos em *-or* como nomes de instrumentos, enquanto em (24) e (26), é pela ação dos agentes que o evento se desencadeia, de tal maneira que os formativos em *-or* remetem a esse papel temático.

Diante dos fatos observados, concluímos que a estrutura conceitual lexical do verbo *abrir* não carrega o traço de Modo/Instrumento e isso acarreta que a sentença ergativa ou média formada a partir desses verbos não tem informação de Agente implícito obrigatória. Já a estrutura conceitual lexical do verbo *pintar* carrega o traço de Modo/Instrumento e isso acarreta, por um lado, a interpretação de Agente implícito

vinculada às sentenças médias formadas com esse verbo e, por outro lado, a alternância verbal.

3 DERIVAÇÃO DAS SENTENÇAS ERGATIVAS E MÉDIAS

Tendo em vista a nossa análise de que a diferença entre verbos que formam sentenças ergativas e médias e verbos que só formam sentenças médias se deve a um traço aspectual (evento *vs.* estado) e a um traço semântico (Modo/Instrumento, que, como foi dito, tem implicações para a interpretação de Agente implícito), postulamos que Asp é o núcleo funcional responsável por codificar o traço aspectual e T é o núcleo funcional vinculado ao traço semântico.²³

Na nossa proposta de análise para a distinção entre verbos que têm alternância ergativa e média em oposição àqueles que só admitem a média, assumimos que telicidade seja o traço aspectual relevante para a distinção entre sentenças ergativas e médias, o que resulta em interpretação eventiva (com tempo específico e interpretação de afetação do argumento interno) nas ergativas, e em interpretação estativa (atemporal e com interpretação de propriedade do argumento interno) nas médias. Propomos, então, que Asp codifica a propriedade de evento nas sentenças ergativas, dando conta do traço aspectual lexical de telicidade dos verbos que admitem a alternância ergativa. Por hipótese, apenas verbos que alternam ergativamente (ou seja, verbos do tipo de *abrir*) projetam um núcleo Asp.

Verbos que apresentam apenas a possibilidade de formar sentenças médias, por consequência, projetam apenas T. Essa análise se justifica porque os verbos que pertencem a essa classe (os do tipo de *pintar*) são verbos considerados aspectualmente como atividades, que, por natureza, constituem eventos atéllicos, sem um ponto final definido lexicalmente, e não atribuem a seus argumentos a interpretação de afetação. A interpretação de evento concluído ou não, no caso dos verbos do tipo de *pintar*, se dá na perspectiva do aspecto gramatical, que é uma propriedade do núcleo T, ficando Asp restrito a traços aspectuais lexicais. Além disso, esses verbos se caracterizam, como defendemos anteriormente, pelo traço semântico Modo/Instrumento, presente em sua estrutura conceitual lexical, o que reforça o caráter de atividade/processo dessa classe.²⁴

Assim, a diferença entre os verbos que são o objeto de estudo deste trabalho é, portanto, que os da classe de *abrir* podem projetar Asp e T quando formam ergativas (porque dispõem de um traço aspectual de telicidade) ou apenas T quando formam médias, enquanto os da classe de *pintar* projetam somente T, não estando disponível para eles uma posição sintática em que o traço aspectual possa ser licenciado (de onde decorre que sentenças ergativas com esses verbos são agramaticais). Essa proposta está representada a seguir:²⁵

(27) Verbos do tipo de *abrir*

a. Alternância ergativa: $[_{TP} \text{Essa porta}_j \text{ abriu}_k [_{AspP} t_j t_k [_{VP} t_k t_j]]]$

b. Alternância média: $[_{TP} \text{Essa porta}_j \text{ abre}_k [[_{VP} t_k t_j]]]$

(28) Verbos do tipo de *pintar*

Alternância média: $[_{TP} \text{Essa porta}_j \text{ pinta}_k [[_{VP} t_k t_j]]]$

Essa análise tem três consequências. A primeira é que a projeção do núcleo Asp, que tem sido considerada objeto de variação translíngua (MACDONALD, 2008), é também considerada como objeto de variação intralinguística, ocorrendo em certas construções mas não em outras, a depender dos traços aspectuais lexicais dos verbos. A segunda consequência é que a nossa análise considera que construções ergativas e médias, embora superficialmente semelhantes, sejam sintaticamente distintas. Acreditamos que a diferença de sentido decorre de configurações estruturais distintas, especialmente relacionadas à projeção do núcleo Asp em ergativas e não em médias. A terceira consequência é que a distinção entre PNEs e PNIs (cf. CUNHA, 2005) pode ser captada pelo mesmo tipo de configuração: PNEs, que possuem a interpretação de estado transitório/episódico, têm relação com a propriedade aspectual de telicidade, projetando tanto Asp quanto T, enquanto PNIs, que expressam estados permanentes, pela semelhança com a interpretação de propriedade atribuída às médias, projetam apenas T.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tratou da configuração sintática de duas classes de verbos: *abrir* e *pintar*. A primeira classe alterna nas formas ergativa e

média. A segunda classe alterna apenas na forma média. Expusemos as propriedades dos dois tipos de sentenças com o objetivo de reduzi-las a apenas duas: uma propriedade aspectual e uma propriedade semântica.

Quanto à propriedade aspectual, demonstramos, com base em testes sintáticos, que sentenças ergativas expressam eventos e sentenças médias expressam estados. Essa divisão se sustenta pelo fato de as propriedades aspectuais de ergativas – temporalidade e interpretação episódica – e as propriedades aspectuais de médias – atemporalidade e interpretação genérica – também serem as propriedades que distinguem eventos de estados.

Na discussão sobre a propriedade semântica relevante para a distinção entre sentenças ergativas e médias, o que esteve em análise foi a interpretação de Agente implícito atribuída às sentenças médias, contrariamente às ergativas. Corroboramos a proposta de Salles & Naves (2009) de que o traço de Modo/Instrumento distingue os verbos em estudo, e acrescentamos que esse traço é o responsável pela interpretação de Agente implícito identificada nas construções médias, especialmente com os verbos do tipo de *pintar*. Segundo a análise adotada, aqueles verbos que só formam sentenças médias, os do tipo de *pintar*, carregam em sua estrutura conceitual lexical a noção de instrumento. Já aqueles que formam sentenças ergativas e médias, os do tipo de *abrir*, não carregam em sua estrutura conceitual lexical a noção de instrumento e não possuem um traço de Modo/Instrumento.

Em termos estruturais, postulamos que sentenças ergativas projetam um núcleo Asp e um núcleo T e sentenças médias projetam apenas T. Asp codifica o traço aspectual da telicidade, relevante para a interpretação das sentenças ergativas, e T codifica o traço semântico Modo/Instrumento do verbo.

MIDDLE AND ERGATIVE CONSTRUCTIONS: A DISTINCTION IN SEMANTIC AND ASPECTUAL TERMS

ABSTRACT

We analyze ergative and middle alternations of two classes of verbs: open class verbs and paint class verbs. Both admit a transitive construction with

an Agent/Cause and Theme arguments. However, open class admits both ergative and middle alternations, unlike paint class, which is found only in middle alternation; ergative sentences are ungrammatical. We discuss middle and ergative properties, reducing them to two – an aspectual one (event or state), and a semantic one (Manner/Instrument) –, and we proposed that this difference is captured in structural terms by the projection of a head Asp (in addition to T) in ergative constructions, and the projection of T (without Asp) in middle constructions.

KEY WORDS: ergative construction, middle construction, lexical aspect, thematic roles, Generative Grammar.

NOTAS

- 1 Este artigo é resultante de pesquisa realizada no âmbito do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, que resultou na dissertação intitulada “Construções ergativas e médias: Uma distinção em termos aspectuais e semânticos”.
- 2 Segundo Ciriaco (2007), o termo “ergativo” pode ter se originado do sistema de casos ergativo-absolutivo. Há línguas cujos sujeitos recebem diferentes tipos de caso, dependendo da transitividade do verbo. Sendo o verbo transitivo, o sujeito recebe o caso ergativo, sendo o verbo intransitivo, o sujeito recebe o mesmo caso do objeto direto de um verbo transitivo, ou seja, o absolutivo. Outra hipótese apontada por Ciriaco (2007) para o surgimento desse termo advém das línguas ergativas, que constroem sentenças a partir da perspectiva do afetado ou paciente no processo. Isso significa que essas línguas apresentam, na posição de sujeito, mais frequentemente, um afetado e não um agente. Embora reconheçamos que outros autores utilizam o termo “alternância causativa” para tratar do fenômeno que é o objeto deste trabalho (cf. DUARTE, 2003), optamos por usar a denominação “alternância ergativa”, que remete à construção das sentenças a partir da perspectiva do argumento interno (o argumento afetado, não agentivo).
- 3 Estão na mesma classe de *abrir*, entre outros, os verbos *quebrar*, *derreter*, *secar*, *afundar*, *furar*, *congelar* e *fechar*. Estão na classe de *pintar*, entre outros, os verbos *cortar*, *lavar*, *varrer*, *construir*, *esculpir* e *escrever*.
- 4 O(A) parecerista ressalta que outra construção possível é com o chamado SE anticausativo: *A porta abriu-se*. Quanto a esse tipo de construção com SE, consideramos que não pode haver uma interpretação de causa externa (p. ex.: *A porta abriu com um empurrão*), estando disponível apenas a

interpretação de causa interna (p. ex.: *A porta abriu por si só*). Com relação à presença do clítico *se* nas construções médias e/ou ergativas, remetemos ao trabalho de Rodrigues (1997, p. 95-98), que propõe que os verbos médios se dividem em três classes, segundo a possibilidade da ocorrência desse clítico. Os verbos da classe I rejeitam a presença de *se* na sentença média (*Manteiga *se derrete facilmente/ A manteiga *se derreteu*), já os verbos da classe II não exigem a presença de *se*, mas podem admiti-lo (*Essa porta (se) abre facilmente/ A porta (se) abriu*); e os verbos da classe III requerem, obrigatoriamente, segundo a autora, a presença do clítico *se* (*Esse tipo de ponte se constrói facilmente/ *A ponte se construiu*). Com base na distribuição do clítico *se* e na formação de sentenças ergativas e médias com essas classes de verbos, Rodrigues afirma que estruturas médias do português do Brasil podem: (i) ter uma Causa implícita (verbos da classe I); (ii) não envolver Causa implícita (verbos da classe II); (iii) possuir um Agente implícito representado pelo clítico (verbos da classe III). Segundo a autora, as duas primeiras classes alternam ergativamente mas a última não, e todas as classes alternam na forma média.

- 5 Lembramos, a pedido do(a) parecerista, que os dados trabalhados neste artigo são dados de introspecção do português brasileiro e que sentenças como as de (2c), em português europeu, requerem a presença do clítico *se* (cf. GALVES, 2001). Duarte (2003, p. 538), entretanto, registra dados de sentenças médias no português europeu em que o *se* não ocorre: *Estas calças vestem bem. / Esta tinta seca rapidamente. / Este pavio queima mal*.
- 6 Para dados do tipo *O portão está pintando*, remetemos ao trabalho de Pereira (2012).
- 7 No entanto, há sentenças estativas na forma imperativa, como constatam Ilari & Basso (2004). Essa construção é permitida porque essas sentenças têm, segundo os autores, um traço [+controle]: *Fique quieto! / Seja bonzinho!* (ILARI & BASSO, 2004, p. 21). Deixaremos essa questão de lado neste artigo.
- 8 O autor apresenta dados do português de Portugal. Consideramos que os julgamentos são válidos também para os dados do português do Brasil.
- 9 Esse teste não foi discutido por Cunha (2005), mas observamos que é válido também para a distinção entre PNIs (i) e PNEs (ii):
 - (i) *Eu vi João ser alto.
 - (ii) Eu vi João ser sincero.
- 10 Pode estar em jogo também o fato de *abrir*, *afundar* e *quebrar* serem eventos que evoluem sem a ação de um participante externo, diferentemente de *pintar*, *lavar* e *varrer* (cf. SOUZA, 1999).

11 De acordo com a literatura, numa sentença como *Essa parede pinta facilmente*, existe a interpretação de que *Alguém pinta essa parede facilmente*. A questão do Agente implícito em sentenças médias tem sido analisada segundo as seguintes hipóteses: (i) o papel de Agente não é projetado na sintaxe, mas está presente na grade temática do verbo (análises pré-sintáticas) (FAGAN, 1988, 1992; CAMBRUSSI, 2007); (ii) o papel temático é absorvido por um clítico abstrato ou é realizado na sintaxe por meio de uma categoria PRO ou *pro* (análises sintáticas) (KEYSER & ROEPER, 1984; PACHECO, 2008); (iii) o papel temático de Agente não é expresso na sintaxe e tampouco na semântica, sua interpretação decorre do significado do verbo (análises pós-sintáticas) (KLINGVALL, 2003, 2005). Sentenças ergativas, ao contrário, não têm uma interpretação de Agente implícito, podendo ser interpretadas como um evento que ocorre espontaneamente: *A porta abriu (por si só)*. Não abordamos com detalhes, neste trabalho, a questão do Agente implícito que parece ter relação com o *se* anticausativo, que se constitui como uma das diferenças entre o português brasileiro e o europeu (V. notas 4 e 5). Esse é um tema que deixamos para um trabalho futuro, tendo em vista a complexidade teórica e empírica dos fatos, que ultrapassa os objetivos deste artigo.

12 Os sintagmas introduzidos por *com*, nas sentenças com verbos ergativos, podem ser interpretados como instrumentos (literalmente), como no caso de (11a), ou como causas externas, como no dado apontado pelo(a) parecerista: *A manteiga derreteu com o calor*. Aceitamos, aqui, a análise de Salles & Naves (2009) para as quais a noção de Instrumento está sendo usada apenas como um rótulo descritivo, para designar essa causa externa (manipulada ou não por um Agente) que desencadeia o evento – as autoras trabalham com a mesma análise para o sintagma introduzido por *com* em construções com verbos psicológicos (*O João preocupa a Maria com esse tipo de comportamento*), descrevendo-o como um Instrumento no campo metafórico. O fato relevante, para os efeitos deste artigo, é que tanto um Instrumento *stricto sensu* quanto um Instrumento metafórico podem ser alçados à posição de sujeito (*Esse tipo de comportamento preocupa a Maria / O calor derreteu a manteiga*) para verbos do tipo *abrir* (ergativos), o que não ocorre com verbos do tipo *pintar*.

13 Fazem parte desse conjunto os seguintes verbos, que se constroem ergativamente, e os respectivos nomes de instrumento: despertar/despertador, coar/coador, acender/acendedor, ventilar/ventilador, abafar/abafador, radiar/radiador, planar/planador, refrigerar/refrigerador, resfriar/resfriador, afundar/afundador, aquecer/aquecedor, grampear/grampeador, incinerar/incinerador, esmagar/esmagador, apagar/apagador, bombear/bombeador,

higienizar/higienizador, escorrer/escorredor, triturar/triturador, vaporizar/vaporizador, purificar/purificador, abotoar/abotoador, aparar/aparador, capacitar/capacitor, secar/secador, derreter/derretedor, triturar/triturador, desentupir/desentupidor, prender/preendedor, carregar/carregador.

- 14 Fazem parte desse conjunto os seguintes verbos, que não se constroem ergativamente, e os respectivos nomes de agentes: levantar/levantador, carregar/carregador, decorar/decorador, inventar/inventor, apresentar/apresentador, organizar/organizador, pichar/pichador, pescar/pescador, adestrar/adestrador, tatuar/tatuador, mergulhar/mergulhador, revisar/revisor, entregar/entregador, pesquisar/pesquisador, maquiagem/maquiador, atirar/atirador, negociar/negociador, cortar/cortador.

Uma análise mais apurada do verbo *cortar* parece promissora. No caso do sufixo *-or*, existe a interpretação tanto de instrumento – *cortador de unha*, *cortador de legumes* –, quanto de agente – *cortador de grama*, *cortador de cana*. Esse verbo forma sentença média, mas não forma sentença ergativa:

(i) Essa carne corta fácil.

(ii) *A carne cortou.

Por outro lado, nota-se o registro de sentenças que se assemelham a médias, tais como:

(i) Isso não quer cortar (dado de fala espontânea de criança de 9 anos).

(ii) Meu braço cortou todo. (PERINI, 2008, p. 324)

- 15 Alguns nomes como *investidor*, *perdedor*, *importador*, entre outros, parecem não ter, aparentemente, uma informação de instrumento em sua estrutura conceitual lexical, mas, sendo nomes agentes, remetem ao comportamento esperado: os respectivos verbos não alternam na forma ergativa – **O dinheiro investi*, **O jogo perdeu*, **A bolsa importou*. Deixamos essa questão para pesquisas futuras.

- 16 Como já foi dito na nota 10, a diferença no emprego do clítico *se* remete, por um lado, a classes de verbos, conforme proposto por Rodrigues (1997) – cf. nota 4 (haja vista a diferença de gramaticalidade entre (19c) e (20c)), e, por outro lado, a uma diferença estrutural entre o português brasileiro e o português europeu. Reconhecemos a importância desse tema, que deixaremos para tratar em trabalho futuro.

- 17 Salles & Naves (2009) remetem a essa interpretação de “princípio ativo” para explicar a distinção no comportamento de verbos derivados de nomes de instrumento quanto à alternância ergativa e à instrumental. Verbos como *escovar* não admitem essas alternâncias, como demonstrado pelos dados das autoras em (17), mas verbos como *envenenar* admitem. A respeito dessa distinção, remetemos ao artigo das autoras.

- 18 Disponível em: <http://migre.me/1zMqM>. Acesso em: 19/8/2010.
- 19 Disponível em: <http://migre.me/1zMyE>. Acesso em: 19/8/2010.
- 20 Disponível em: <http://migre.me/1zOUB>. Acesso em: 19/8/2010.
- 21 Nesses casos, a polissemia dos verbos parece consistir na possibilidade ou não de o verbo conter uma variável Instrumento em sua estrutura lexical conceitual. Nos casos de (23) e de (25), essa variável está prevista, enquanto em (24) e (26) não há previsão quanto a um Instrumento na estrutura lexical conceitual dos verbos que encabeçam os predicados.
- 22 Dado de fala espontânea de uma criança de 9 anos.
- 23 A motivação para essa proposta advém dos trabalhos de Naves (1998, 2005). Segundo a autora, predicados psicológicos que alternam (*A inflação preocupa o governo* e *O governo se preocupa com a inflação*) projetam dois núcleos funcionais, T e Asp (T dominando Asp), sendo Asp o núcleo responsável pela interpretação de afetação (relacionada à interpretação de mudança de estado psicológico do argumento Experienciador) e T o núcleo responsável por introduzir o Causador (no caso da estrutura transitiva *A inflação preocupa o governo*). Naves atribui aos predicados causativos que alternam ergativamente a análise de que a classe dos verbos alternantes se caracteriza por apresentar o traço aspectual de telicidade e o traço semântico de mudança de estado.
- 24 Essa propriedade também nos permite supor que a posição de argumento externo seja projetada na estrutura por força do traço semântico Modo/Instrumento, que se associa semanticamente ao papel temático de Agente, mesmo quando ele não é realizado foneticamente. Essa projeção estrutural da posição de argumento externo (por hipótese, Spec/vP) pode ser a responsável pela interpretação de Agente implícito usualmente atribuída às médias. Essa hipótese, que possivelmente explica qual seria o lugar do clítico *se* nas construções/línguas em que ele aparece, não será desenvolvida neste trabalho.
- 25 Nas representações das construções médias, optamos por não inserir o modificador na estrutura da sentença, tendo em vista que queremos ressaltar apenas o fato de que, em construções médias, Asp não é projetado.

REFERÊNCIAS

CAMBRUSSI, Morgana Fabiola. *Médias e ergativas: uma construção, dois sentidos*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CIRIACO, Larissa S. *A alternância causativo-ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

CUNHA, Luís Filipe A. S. L. Reconsidering stative predications, their behavior and characteristics. *Cadernos de Linguística* 11, Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2005. Disponível em: <<http://migre.me/4zOaZ>>.

CUNHA, Luís Filipe A. S. L. *As construções com progressivo no português: uma abordagem semântica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Porto, Porto, 1998.

DUARTE, Inês. A família das construções inacusativas. In: MIRA MATEUS et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. rev. aum. Lisboa: Caminho, 2003.

ELISEU, André M. G. S. *Verbos Ergativos do Português: descrição e análise*. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1984.

FAGAN, Sarah. M. B. The English Middle. *Linguistic Inquiry*, n. 19, p. 181-203, 1988.

FAGAN, Sarah. M. B. *The syntax and semantics of middle constructions: a study with special reference to German*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ILARI, R.; BASSO, R. Estativos e suas características. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 4, n. 1, 2004.

KEYSER, Samuel J.; ROEPER, Thomas. On the middle and ergative constructions in English. *Linguistic Inquiry*, v. 15, p. 381-416, 1984.

KLINGVALL, Eva. Aspectual properties of the English middle constructions. *The Department of English in Lund: Working Papers in Linguistics*, v. 3, 2003.

KLINGVALL, Eva. A secret agent in the middle? *The Department of English: working papers in English linguistics*, v. V, ed. by Heinat F. and E. Klingvall, 2005.

LEVIN, Beth; RAPPAPORT-HOVAV, Malka. *-er* Nominals: Implications for a Theory of Argument Structure. In: STOWELL, T.; WEHRLI, E. (Ed.). *Syntax and Semantics 26: Syntax and the Lexicon*. New York: Academic Press, 1992. p. 127-153.

LEVIN, Beth; RAPPAPORT-HOVAV, Malka. The causative alternation: a probe into lexical semantics and argument structure. In: _____. *Unaccusativity: at the*

syntax-lexical semantics interface. Cambridge, MA: MIT Press, 1995. p. 79-133.

LEVIN, Beth. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, Beth. Lexical Conceptual Structure'. In: VON HEUSINGER, K.; MAIENBORN, C. and PORTNER, P. (Ed.). *Semantics: an International Handbook of Natural Language Meaning*. Mouton de Gruyter, Berlin. Revised November, 2008. Disponível em: <<http://migre.me/4w7br>>.

MARINHO, Marco Antônio F. *Do latim ao português: percurso histórico dos sufixos –DOR e –NTE*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MACDONALD, Jonathan E. *The syntactic nature of inner aspect: a minimalist perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.

NAVES, Rozana R. Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas com verbos psicológicos. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

NAVES, Rozana R. *Alternâncias sintáticas: questões e perspectivas de análise*. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

PACHECO, Juliana da C. *A sintaxe das construções médias no português do Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PEREIRA, Márcia Osória da C. *Uma análise da interação entre aspecto lexical e aspecto gramatical no contexto da alternância causativa*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

PERINI, Mário. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RODRIGUES, Cilene A. N. *Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no português do Brasil: um estudo comparativo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

SALLES, Heloisa; NAVES, Rozana R. O estatuto da preposição *com* em construções com alternância sintática. *Revista Polifonia*, Cuiabá, n. 17, p. 9-27, 2009.

SOUZA, Paulo C. de. *A alternância causativa no português do Brasil: defaults num léxico gerativo*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1999.

TENNY, Carol Lee; Pustejovsky, James. *Events as grammatical objects: the converging perspectives of lexical semantics and syntax*. United States: CSLI publications, 2000.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

WHITAKER-FRANCHI, Regina C. M. *As sentenças ergativas: um estudo semântico e sintático*. Dissertação (Mestrado) – IEL-Unicamp, Campinas, 1984.